

# *Revista Garrafa 23*

janeiro-abril 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CURSO DE DOUTORADO EM CIÊNCIA DA LITERATURA  
TEORIA LITERÁRIA

**LUCIMAR RIBEIRO SOARES**

**MEMÓRIAS DA GUERRA EM POEMAS DE BERTOLT BRECHT**

Rio de Janeiro  
2010  
**LUCIMAR RIBEIRO SOARES**

**MEMÓRIAS DA GUERRA EM POEMAS DE BERTOLT BRECHT**

Ensaio apresentado à disciplina Poética Narrativa do Curso de Doutorado em Ciência da Literatura – teoria Literária da UFRJ para fins de obtenção de nota.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Angélica Soares

Rio de Janeiro  
2010  
**LUCIMAR RIBEIRO SOARES**

**MEMÓRIAS DA GUERRA EM POEMAS DE BERTOLT BRECHT**

Ensaio apresentado à disciplina Poética Narrativa do Curso de Doutorado em Ciência da Literatura – teoria Literária da UFRJ para fins de obtenção de nota.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Angélica Soares

Aprovado em    /    /

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Angélica Soares

Dedico aos meus sobrinhos aos docentes do Doutorado em Ciências da Literatura – Teoria Literária, em especial aos professores Alberto Pucheu e Angélica Soares que me ensinaram um novo modo de olhar o poema.



“Regar o jardim, para animar o verde!”  
(Bertolt Brecht).

## RESUMO

O trabalho desvela a memória da guerra presente nos poemas de Bertolt Brecht. Eles revelam as atrocidades alemãs, perseguições políticas e o exílio do poeta que denuncia o silêncio dos intelectuais.

Palavras-chave: Memória. História. Rememoração.

## ABSTRACT

The paper show the memory of the war present in the Bertolt Brecht poems even shows the german atrocity, political persecutino, the exile of the poet that inform the exile of the poet that inform agaunst the silent of the intelectuals.

Key-words: German atrocity. Memory. Political persecution.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 VIDA E OBRA DE BERTOLT BRECH</b> .....	14
<b>3 POESIA - COMO (E DE ONDE ) ELA SURGE</b> .....	17
<b>4 LITERATURA E MEMÓRIA</b> .....	22
<b><u>5 POEMAS E IMAGENS</u></b> .....	24
<b><u>REFERÊNCIAS</u></b> .....	34

## 1 INTRODUÇÃO

Memória é um assunto que vem merecendo a atenção da humanidade desde seus primórdios. Estudiosos há muito se debruçam sobre o tema. Platão, Hermes Trismegisto, Lúlio, Erasmo, Santo Agostinho, Giordano Bruno, Francis Bacon, assim como outros luminares que salpicam o mundo das letras desde a Antiguidade greco-latina estudaram o assunto conscientes da sua importância.

O homem em sua ânsia de imortalidade quer ser eterno; na impossibilidade procura formas de perpetuar seus atos, contar sua história, deixando marcas do seu percurso na face da terra. E estes vestígios são inúmeros! Muitas são as formas que criou para registrar sua existência, demarcar suas conquistas e perpetuar sua história. Há monumentos, estelas, arquivos, museus, fotos, recursos digitais, túmulos, orações, símbolos, pirâmides, biografias, genealogias, bibliotecas, obeliscos, pinturas, gravuras, comendas, prêmios, imprensa e a própria literatura oral e escrita. Isto sem falar nos instrumentos eletrônicos e digitais de que a contemporaneidade dispõe para recolher e registrar a memória dos tempos.

Guardar a memória dos tempos e ordenar os seus feitos permite à humanidade, conforme crê Jacques Le Goff (1994) evocar o passado, abraçar o presente e perceber o futuro pois do passado se pode extrair lições. Então, se o passado ensina, é preciso conhecê-lo. A memória não é o alicerce da consciência individual, mas oferece perspectiva e orienta o espírito.

Há memória nas obras literárias, permitindo que se entrevejam sob novos ângulos os discursos dos governantes, ocorre o reconhecimento de pistas que denunciam tramas, heroísmos, vinganças, fomes, decisões arbitrárias, eventos, solidariedade e lições de vida. O tempo passa, mas a história permanece sob a forma de memória, lembranças e memórias que ficam em narrativas variadas como: ensaios, fábulas, contos, mitos, lendas, crônicas, epopéias, textos de teatro e romances. Fica documentada em sermões, em poemas, novelas e outras formas literárias que o homem inventou para se expressar.

A literatura, perscrutada desde tempos imemoriais, tem sido, a partir do uso da escrita, uma fonte de inestimável importância, socorrendo historiadores, antropólogos, sociólogos, filósofos e demais estudiosos interessados em compreender a evolução social do pensamento do homem. Buscam-se nela as marcas da expressão do autor, formas de sua linguagem, o que tem dito, pensado e escrito. Tudo interessa aos estudiosos. E a literatura recolhe os mais íntimos, ousados e públicos discursos do homem, pois é com discursos que o homem faz a História.

Analisar estes discursos do homem se impõe como uma necessidade, assim elegeu-se como objeto de pesquisa analisar vestígios da memória da guerra em um discurso específico: o poema brechtiano (BRECHT, Bertolt. POEMAS. São Paulo: Editora 34, 2000) porquanto o escritor alemão Bertolt Brecht redigiu algumas das maiores obras de todos os tempos, além de ser um intelectual dinâmico que não aceitou ser cúmplice do nazismo, razão porque foi perseguido e exilado em função de seus escritos, de sua obra literária, que denunciou as atrocidades de guerra contra o povo alemão, em particular, e a humanidade. Ao fim do trabalho fica patente o porquê incomodava tanto. Ele, Bertolt Brecht, o poeta, era a consciência do povo alemão!

Neste trabalho constata-se que os poemas de Bertolt Brecht mencionam de forma incessante os horrores da guerra que se abateu sobre a Alemanha, a perseguição de que foi alvo em função do seu discurso persistente pela paz, contrário aos interesses governamentais de então, as misérias que assolaram sua vida, de seu povo e outras nações. Seus poemas contêm lições a serem extraídas pelos alemães. Podem e devem se constituir em preciosos documentos, importantes para a memória alemã e mundial.

Como opção temática, documentar a guerra, pode parecer estranho, incluiu-se a título de exemplo, em alguns momentos da elaboração deste texto, páginas da lavra de um russo, o grande poeta Maiakóvski, mundialmente reconhecido pela sua obra literária ideologicamente contrária aos interesses governamentais de sua época, que usou seu trabalho – a poesia – para formar a consciência dos trabalhadores da sua época, documentando sua ação e um período da história russa. Mas, o fogo criador que o impulsionava também o

consumia. Os outros que o admiravam tinham ânsias de saber: como escrever poemas como ele escrevia? Como tecer os sonhos que tecia?

Sentiam-no! Também foram selecionados poemas do escritor português, maranhense por adoção, Bandeira Tribuzi, poeta que escreveu o hino da cidade de São Luís. Como Brecht e Maiakóvski, de esquerda, e todos inconformados com a pobreza, a diferença entre as classes, a exploração dos trabalhadores pelos poderosos, colocando a serviço da sociedade seu trabalho – o fazer poético – que os angustiava quando não podiam se exprimir, exprimir com o olhar privilegiado que só o poeta tem, tarefa que abraçavam com a sofreguidão que só se encontra nos poetas solidários e conscientes de que a poesia está na plenitude da vida o que deve ser um bem coletivo.

Um dos capítulos foi destinado a reflexões sobre o surgimento da poesia, delineando o pensamento de estudiosos, interessados em compreender o mecanismo do fazer poético, para o que se intentam elaborar manuais, estudar os textos produzidos e apontar as estratégias percebidas em sua estruturação.

Em outro, procurou-se o apoio em obras de poetas - um local e outro internacional -, ambos de esquerda, que encontraram nas dores e sofrimentos dos semelhantes, argamassa para suas construções poéticas e com as quais lançam ao mundo os seus gritos de protesto e solidariedade. Não estão sós, pois, como ver-se-á adiante, há outro, há Bertolt Brecht, um poeta alemão de imensa estatura moral que transformou palavras, versos e poemas em instrumento de luta, em memória (e alerta!) sobre as atrocidades que o ser humano é capaz de perpetrar em nome do povo e junto com ele.

Em homenagem ao seu trabalho, à sua grandeza humana, optou-se por transcrever cada um dos poemas mencionados na íntegra, salvo uma exceção (página 23). A razão desta decisão alonga o texto, mas em nenhum momento isto foi um objetivo. Justifica-se esta transcrição pelo desconhecimento reconhecido que permeia a obra poemática do autor em solo brasileiro onde é tão pouco divulgada, razão por que exibindo-a estimula-se sua divulgação e o conhecimento deste que é, sem sombra de dúvida, um dos lumináres da literatura mundial, facilitando-se a socialização de seus textos, a leitura de seus poemas e o reconhecimento das idéias corajosas que abraçou e da solidariedade que imprimiu à sua vida.



## 2 VIDA E OBRA DE BERTOLT BRECHT

Mais conhecido no Brasil como um dos grandes dramaturgos da contemporaneidade, Bertolt Brecht foi também um grande poeta, um intelectual arrojado e combativo cujas obras são reconhecidas mundialmente, reconhecimento obtido ainda em vida e, inclusive, na própria Alemanha.

Alguns dos poemas que escreveu criados entre 1913 e 1956, integram este volume, denominado POEMAS (São Paulo: Editora 34, 2000) são o alvo deste trabalho. Os poemas que integram a obra em análise documentam como crônicas vivas um período negro da história alemã e pretendem, conforme salienta o editor em uma das orelhas desta publicação, fazer com que o público, o leitor brasileiro conheça a poesia política de Bertolt Brecht cujo objetivo é tornar transparente a retórica dos poderosos.

Se a comunicação é a essência do ensino como da escrita, Bertolt Brecht fez disso uma arte. Comunicou o que via e ouvia e também o que pressentia em versos destinados a desconhecidos, pois, vigiado e perseguido, não sabia se seriam lidos. Mas escrevia!

Os poemas, como ele mesmo registra, atingem duas guerras mundiais razão por que sua memória recua, aprofunda-se em mergulhos para recolher lembranças que ordena em versos, estrofes e imagens. Duras muito duras, sem lirismo! Não se pode culpar alguém, um intelectual, por exemplo, por deixar de escrever sobre um tema ou assunto incômodo. Mas, havia uma guerra, período de exceção, e motivos fortes, humanos para não calar e Brecht cobrou – via poemas – a falta de solidariedade e denunciou quem colocou sua pena à disposição do “tocador de tambor” e do “ pintor”, epítetos sob os quais se referia a Hitler.

A obra Poemas está dividida em partes: na primeira delas estão inseridos poemas criados de 1913 a 1926. Na segunda encontram-se aqueles que integraram sua primeira coletânea de poemas – Poemas do Manual de devoção de Bertolt Brecht – onde já se percebe o homem corajoso que viria a ser, assim como os que teriam surgido de 1926 a 1933 e de 1933 a 1938. Já na terceira parte encontram-se os Poemas de Svendborg, seu local de exílio durante muito tempo, fugindo do nazismo com a família. Também se

encontram aí alguns poemas que elaborou entre 1938 a 1941, 1941 a 1947 e 1947 a 1956, conforme esclarece o editor.

Na cronologia que integra a obra há registro da vida de Brecht, o qual teria nascido em 10 de fevereiro de 1898, em Augsburg, cidade situada ao sul da Alemanha. Morreu vítima de enfarte aos 14 dias de agosto de 1956. Aos dezesseis anos de idade publicou seus primeiros trabalhos literários – poemas, artigos e o drama intitulado A Bíblia - no jornal da escola, de onde teria sido ameaçado de explosão, em 1916, por ter se manifestado em uma redação escolar contra a guerra.

Brecht teve vários filhos: em 1919, nasceu Franz, fruto de uma relação com sua namorada Paula Banholzer e que, em 1946, morreu nas trincheiras de guerra alemãs; em 1923 nasceu Hanne, de seu casamento (1922) com Marianne Zoff. Stefan nasceu em 1924, de sua relação com Helene Weigel com quem viria a casar em 1929. E, em 1930 nasceu Bárbara, após separar-se em 1927 de Marianne Zoff.

Após o nascimento de sua filha Hanne, fracassou um golpe contra Hitler, em Munique, e Brecht integrava uma lista onde estavam relacionadas as primeiras pessoas suspeitas a serem detidas.

A primeira coleção de poemas surgiu em 1926 sob o título: “Manual de devoção de Bertolt Brecht”. Simpatizante comunista, entre seus amigos contava-se renomados intelectuais da esquerda, dentre os quais Walter Benjamin a quem a acolheu durante meses em seu apartamento para discutir textos de Hegel, Marx e Lênin. E que lhe apresentou a obra de Kafka.

Com a ascensão de Hitler ao poder, vê-se obrigado a deixar a Alemanha, de onde parte em 1933, acompanhado da esposa Helene Weigel e o filho Stefan para Praga, inicialmente, prosseguindo para Viena, Zurique, finalmente radicando-se em Svendborg, na costa dinamarquesa, onde se estabelece durante uma longa temporada, mas cujo local abandona em decorrência do avanço das tropas nazistas.

Peregrino, escreve peças para teatro que são mundialmente traduzidas, adaptadas, publicadas com êxito de crítica, encenadas e premiadas na Europa e nos Estados Unidos. Consciente do seu papel como intelectual e da influência que pode exercer em benefício da paz, mantém um sólido intercâmbio com os intelectuais espalhados pelos continentes, viaja pelos

lugares mais cosmopolitas (França, Moscou, Nova-Iorque, Amsterdam, Finlândia e Londres) onde assiste o sucesso de suas peças ou a serviço, escreve roteiros de filmes, balés, frequentando palestras, promovendo a publicação e adaptação de obras próprias ou de autores consagrados.

Sem jamais se abater ou renunciar à condição de intelectual, posição que se consolida, participa em Paris, em 1935, do Congresso Internacional de Escritores onde toma conhecimento que os nazistas cassaram sua cidadania alemã, fato que registra em poema.

À medida que o nazismo, em sua ânsia de expansão territorial, traga as nações em torno de si e, sentindo-se ameaçado resolve fugir para a Finlândia, em 1940, onde planeja seguir para os Estados Unidos, sempre fugindo do “tocador de tambor” ou do “pintor”, epítetos com que menciona Hitler. Em 1941, acompanhado da mulher e dos filhos sai da Finlândia onde se encontrava e foge para Moscou onde toma o navio para a Califórnia (EUA) onde revê muitos amigos alemães que o precederam no exílio.

Sempre em contacto com os intelectuais, em setembro de 1940, ali nos Estados Unidos, recebe a notícia da morte de seu grande amigo Walter Benjamin que, fugindo também do nazismo, na fronteira entre Espanha e França comete suicídio. Já em 1942, encontra-se com Adorno, Horkheimer, Marcuse e trabalha com o legendário Fritz Lang em um roteiro de cinema, enquanto suas peças são encenadas no mundo europeu (Zurique, Paris, Viena) e até mesmo na Alemanha aonde chegou a receber, em 1951, o Prêmio Nacional da RDA.

Em 1946, com o fim da guerra, Brecht volta à Alemanha, não sem antes ter sido convocado para depor diante do famigerado Comitê de Atividades Antiamericanas. Deixando os Estados Unidos, vai para a Suíça (1948) e em 1950 obtém a cidadania austríaca. Em 1954 obtém o primeiro lugar no Festival de Paris encenando Mãe-Coragem. Foi também em 1954 que obteve o Prêmio Stálin da Paz.

Após uma vida de luta e também de incontestável sucesso literário, Bertolt Brecht faleceu em 14 de agosto de 1956, deixando entre seu legado à humanidade peças mundialmente encenadas – inclusive no Brasil - conforme se menciona: A Bíblia, Baal, Tambores da noite, Um homem é um homem, Ópera dos Três Vinténs, Santa Joana dos Matadouros, O que diz Sim

diz Não, Histórias do Senhor Keuner, A exceção e a regra, A mãe (em colaboração e baseados na obra homônima de Górkki), Os cabeças Redondas e os cabeças Pontudas, Os Horácios e os Curiácios, Os fuzis da senhora Carrar, Cenas de Terror e Mistérios do Terceiro Reich, O Interrogatório de Lúculo, Mãe-Coragem e seus filhos, O Sr. Puntila e seu Criado Matti, Conversas de Refugiados , A Boa Criatura de Set-Suan, A resistível Ascensão de Arturo Ui, Vida de Galileu, As visões de Simone Machard, Schweyk na Segunda Guerra mundial e as peças celebérrimas O círculo de giz caucasiano e Turandot.

Antes de morrer tentou escrever em poemas uma versão do Manifesto Comunista, tarefa que deixou inconclusa. Deixou ainda o balé Os sete pecados capiais, a ópera Os três vinténs, as coleções de poemas intituladas Canções, poemas e Os poemas de Svendborg, o romance Os negócios do senhor Júlio César e o conto Os dias da Comuna Kalenderges. Político inquieto ainda encontrou tempo para escrever uma Carta aberta aos artistas e escritores alemães.

### **3 POESIA - COMO ( E DE ONDE ) ELA SURGE**

Quando escreveu a obra “**Poética-como fazer versos**”, o escritor russo Vladimir Maiakóvski tinha em mente refletir sobre a poesia, sua substância, sobre o papel e a função social do poeta. Acima de tudo tomou a si a tarefa, ingrata, de explicar como criava poemas. Não atingiu seu objetivo, ou melhor, o atingiu sobremaneira, pois a concluiu reafirmando a natureza especial do fazer poético que não é aprendido em manuais.

Muitos outros poetas já se debruçaram sobre a mesma tarefa, difícil, complexa, inesperada ou cercada do labor consciente, da busca intensa pela palavra adequada, a rima perfeita e a sonoridade que encanta. O fazer poesia tem seus mistérios!

Lembra-se aqui que inúmeros poetas famosos, como Carlos Drummond, se detiveram ante o desvelar o surgimento da poesia, mas, pequenos ou grandes, famosos ou desconhecidos, não conseguiram externar a receita. Um destes é o poeta Bandeira Tribuzi que é famoso no Maranhão, sobretudo, por ser autor do hino oficial da cidade de São Luís. Uma das obras

por ele consagradas a esta reflexão é denominada “**Ordem do dia**” onde sua angústia em exprimir-se se patenteia. Ele escreveu ali:

Há que remover a neve desta folha de papel!

Breve escutaremos o motor dos sentimentos  
enchendo a manhã com sua algazarra. Eis a máquina se  
movimentando! Da esquerda para a direita vão surgindo  
os sulcos onde caem as sementes  
da emoção.  
Na vasta  
Planície  
Desvirgada  
Germina já o pólen da lírica.

Um vento da humana condição  
( Oh arte, coisa social ! ) faz voar até tuas mãos  
Esta lavoura mental.  
Como bom descendente de um povo de camponeses  
Medes o rigor da sementeira,  
Sonhas as chuvas na raiz, o futuro pão...  
Pão sonoro!

De repente,  
As aves da poesia, que se alimentavam no campo semeado,  
Rompem vôo para o céu de tua inteligência  
E desfecham seu canto maravilhoso  
Contra tua surpresa.

Teu coração é a corda ferida do violino!

Eis a geração do poema:  
Sua mecânica, seu plantio,  
Sua colheita.  
Está diante de uma safra eterna!<sup>1</sup>

Como Maiakóvski, Bandeira buscou em seu tempo, em sua realidade, no cotidiano, a substância de seus poemas. O sofrimento, a dor, a miséria humana, as desigualdades sociais, a angústia dos tempos são algumas das temáticas sobre as quais repousaram o seu olhar, que o consumiram e inspiraram a pena sensível, humana, solidária. Brandindo palavras ambos rugiram as massas – nem por isso adequadamente ouvidos – e optaram por morrer bêbedos que de tédio. Porém, não o conseguiram.

Socialista confesso, Maiakóvski gritava:

---

<sup>1</sup> TRIBUZI, Bandeira. Ordem do dia in TRIBUZI, Bandeira. **Obra poética**. São Paulo: Editora Siciliano, 2002, p.119.

Desmascarar estes senhores não é muito difícil. Outros lhe respondiam: “Sabeis apenas destruir, nada criais”. Isso não o desanimava, não duvidava do seu poder, do poder da poesia e afirmava categórico: “Para compreender corretamente o mandato social o poeta deve situar-se no centro das coisas e dos acontecimentos...”.<sup>2</sup>

Se bem disse, assim o fez!

Bandeira Tribuzi menos afeito a partidos, mas não menos empenhado com a esquerda, igualmente comprometido com a poesia e consciente do seu poder de ação escreveu no poema Arte Poética:

Arte Poética  
Do pensamento e dos sentidos  
Flui o rio dos poemas.  
O punhal da inteligência  
Vibra tenso no alvo.  
O fio de sangue que brota  
É emoção colorida e pura,  
Rubra chama em que se queima  
O coração apunhalado.  
Fria  
Lâmina de punhal cravado,  
A razão ordena  
O que a emoção incendeia.  
No papel impresso, o poema  
Pensa emoções e sente idéias.<sup>3</sup>

O poder da poesia, o poder que surge das emoções e idéias extravasadas nos poemas é outro tema sobre o qual estudiosos se debruçam, como se desejassem entender o mecanismo das construções da língua, a tessitura e a essência das palavras. Mas, seu poder deve residir na força da verdade que veiculam, de onde surgem emoções, sentimentos e imagens.

Nem sempre o poeta consegue escrever, externar suas idéias. O poema Ordem do Dia, de Tribuzzi e outros bem mais conhecidos, como os de Carlos Drummond o demonstram, pois não é fácil se expressar, sobretudo poeticamente. Léo Spitzer que se debruçou sobre poemas de John Donne, San Juan de la Cruz e Richard Wagner, para descobrir suas entranhas e proclamar o êxtase que teria envolvido a concepção de três peças poemáticas afirma que: “... A poesia consiste geralmente em palavras de uma dada língua, dotadas de

---

<sup>2</sup> MAIAKÓVSKY, Vladimir. **Como fazer versos**. São Paulo: Global, 1977. Págs. 16, 17 e 50.

<sup>3</sup> TRIBUZI, Bandeira. **Obra poética**. São Paulo: Editora Siciliano, 2002, p. 75.

conotações tanto racionais como irracionais, palavras que se transfiguram por obra daquilo que Shapiro chama de prosódia.”<sup>4</sup>

Para que possa expressar seus sentimentos e emoções, compondo seu discurso e produzindo as imagens que atingem o leitor e lhe permitem partilhar das emoções sentidas pelo poeta, vale a elaboração de estratégias diferentes que não se repetem. Vale a escolha de temáticas criativas, originais ainda não garimpadas. Daí a ineficácia de manuais.

Maiakóvski, por exemplo, repudiou com insistência e claramente os manuais com fórmulas prontas (sem deixar de se curvar e reverenciar a grandeza dos antigos) porém, percorreu um caminho próprio que lhe garantiu lugar especialmente destacado no Panteon internacional. Mas, críticos e estudiosos como Humberto Eco e Leo Spitzer podem apontar estratégias usualmente vislumbradas neste ou naquele outro poema. Spitzer, por exemplo, aponta que:

... San Juan de la Cruz ... nosso poeta ,segundo a sóbria tradição latina de toda a literatura religiosa em línguas românicas, contenta-se com a provisão de palavras à disposição, limitando-se mesmo a um número reduzido delas. Ao mesmo tempo, multiplica, por meio de repetição, variação e disposição sintática, a densidade de sua teia de relações semânticas, ressuscitando as memórias (carnais e espirituais ) latentes em termos populares .<sup>5</sup>

Já Bandeira Tribuzi durante sua concepção poemática seleciona imagens cuidadosas para dizer do seu sofrimento que só encontra alento na poesia, que frui e da qual se embebe.

POESIA  
Só vens quando me dóis  
Ou a manhã é excessiva  
Eu te queria sempre  
Junto de mim por tudo  
No mínimo – suave e benéfica  
... ..  
Vem poesia  
Perdi minha mãe muito precoce perdi a carícia  
Perdi o sorriso turvei o rosto claro  
Que vai ficar de mim de encontro em nossos dias?  
Vem poesia sem medo porém com pudor  
Dilui em pureza ou em lágrimas a rudeza dos tempos

---

<sup>4</sup> SPITZER, Léo. **Três poemas sobre o êxtase**. São Paulo: Cosac & Naify.2003, p.37.

<sup>5</sup> Ibid., p. 79.

Áspera e dura que venha. Vem poesia.<sup>6</sup>

O escritor e semiótico Humberto Eco, analista acurado de obras literárias, faz uma referência à obra “A filosofia da composição” que, segundo ele, Edgar Allan Poe teria escrito para explicar, delinear como escreveu o seu mundialmente célebre poema “O Corvo”. São de Eco estas palavras:

...Poe reflete sobre o que considera o efeito principal de um poema, a saber, a beleza: “A beleza de qualquer espécie, em seu desenvolvimento supremo, invariavelmente leva às lágrimas a alma sensível. A melancolia é, portanto, o mais lídimo de todos os tons poéticos”. Todavia, Poe quer encontrar “um eixo em torno do qual pudesse girar a estrutura inteira” e declara que “nenhum foi tão universalmente empregado quanto o do refrão”.

Poe se demora bastante no poder do refrão, que deriva da “força da monotonia – tanto no som quanto no pensamento”; demora-se também no prazer que “resulta unicamente do senso de identidade – de repetição”. Por fim, decide que, para ser monotonamente obsessivo, o refrão tem de ser “uma só palavra (...) sonora e suscetível de ênfase prolongada” e parece-lhe óbvia a escolha dos termos “nunca mais”. Contudo, já que não seria razoável atribuir a uma criatura humana um refrão monótono, não lhe resta alternativa senão colocá-lo na boca de um animal falante, do Corvo. Em seguida, há outro problema para resolver.

Perguntei a mim mesmo: “De todos os temas melancólicos qual, segundo o entendimento universal da humanidade, é o mais melancólico?”. “A morte”, era a resposta evidente. “E quando o mais melancólico dos temas é mais poético?”, indaguei. O que já expliquei com alguma minúcia torna a resposta igualmente óbvia: “quando se associa à Beleza da maneira mais íntima”. Portanto, a morte de uma bela mulher é sem dúvida o tema mais poético do mundo – e tampouco pairam dúvidas de que os lábios mais adequados a tal tema são os de um amante enlutado.

Então restava-me unir as duas idéias, de um amante lamentando a amada morta e de um Corvo repetindo continuamente “Nunca mais”.

Poe não esquece nada, nem mesmo o tipo de ritmo e métrica que considera ideal (“o primeiro é trocaico - o último é octonário acataléctico, alternando com heptâmetro cataléctico no refrão do quinto verso e terminando com tetrâmetro cataléctico”). Enfim, pergunta-se qual seria o modo mais oportuno de “juntar o amante e o Corvo”. O adequado seria fazer com que se encontrassem numa floresta, mas Poe acha necessária uma “estreita circunscrição de espaço”, como a “moldura de um quadro”, para concentrar a atenção do leitor. Assim., coloca o amante num quarto de sua própria casa, faltando-lhe apenas decidir como haverá de introduzir o pássaro. “E a idéia de introduzi-lo pela janela foi inevitável”. O amante confunde o adejar do pássaro contra a janela com uma batida na porta, mas esse detalhe tem por objetivo prolongar a curiosidade do leitor e dar passagem ao “efeito incidental resultante do fato de o amante escancarar a porta, encontrar tudo escuro e adotar a semifantasia de que foi o espírito da amada que bateu”. A

---

<sup>6</sup> TRIBUZI, Bandeira. **Obra poética**. São Paulo: Editora Siciliano, 2002, p.55.

noite só podia ser tempestuosa (como bem sabe Snoopy), <sup>7</sup> “para justificar a procura de abrigo por parte do Corvo e, em segundo lugar, para criar um contraste com a serenidade (física) existente no interior do quarto”. Finalmente, o autor resolve fazer o pássaro pousar no busto de Palas por causa do contraste visual entre a alvura do mármore e o negror da plumagem, “sendo escolhido o busto de Palas primeiro porque condiz com a erudição do amante e segundo por causa da própria sonoridade do nome Palas”. <sup>8</sup>

Mais adiante, Humberto Eco crítico contundente, afirma: “que Poe não identifica o significado último e unívoco de seu poema: ele descreve a estratégia que concebeu para habilitar o leitor a explorar seu poema incessantemente!” <sup>9</sup> Ou seja, ele não ensina como criar um poema por que a arte poética não se ensina em manual. Não há um escritor que contrarie tal afirmação.

A tal tarefa de entender o mecanismo do fazer poético emprestaram esforços nomes famosos que lhe reconheceram um metier difícil, nem sempre reconhecido, arriscado, útil ou inútil segundo a vontade dos poderosos.

#### 4 LITERATURA E MEMÓRIA

A magia da leitura e o modo como atua sobre a inteligência e a consciência dos homens, o risco que correm, poetas e escritores que disseminam a verdade, sem concessões ao poder vigente já foi alvo de retratação pelo escritor italiano Ítalo Calvino em seu famoso conto Os generais na biblioteca, que inclusive nomeia a obra, editada no Brasil pela Companhia das Letras.

Nela Calvino aborda, também, a perda involuntária da memória coletiva pelos habitantes da Panduria, por manipulação dos poderosos. Ficção que retrata a realidade vivenciada por intelectuais do mundo moderno e do mundo contemporâneo.

Sobre o confisco da memória na Antiguidade já houve alerta de Jacques Le Goff, segundo o qual:

---

<sup>7</sup> Snoopy passou tiras e mais tiras tentando escrever um livro que começaria mais ou menos assim: “Era uma noite tempestuosa e fria...”

<sup>8</sup> ECO, Humberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 51 e 52.

<sup>9</sup> Ibid.,p.53.

Veyne (1973) sublinhou a confiscação da memória coletiva pelos imperadores romanos, nomeadamente pelo meio do monumento público e da inscrição, nesse delírio da memória epigráfica. Mas o senado romano, angariado e por vezes dizimado pelos imperadores, encontra uma arma contra a tirania imperial. É a *damnatio memoriae*, que faz desaparecer o nome do imperador defunto dos documentos de arquivo e das inscrições monumentais. Ao poder pela memória responde a destruição da memória.<sup>10</sup>

Outro que tomou a si a tarefa de dar um significado social e memorialístico à sua obra foi o poeta e dramaturgo alemão Bertolt Brecht que, consciente do valor das palavras, da importância do verso, da força contida em um poema e sabendo de per si como a tarefa é nobre, serviu-se da poesia para extravasar sua revolta contra governos tiranos e poderosos, especialmente o nazismo, que buscou silenciar ou cooptar os poetas. Assim protesta, atualizando as imagens que se desvelam, em sucessão, produzindo uma linguagem impactante. Impedindo a perda da memória, contribui com o registro de ordens e desordens, violências, destruição de valores e do humano. Registra a fala do homem do povo, sua voz, seus desejos mais simples. Registra a destruição da memória, o confisco dos livros que a perpetuam porque incomodam. Registra o risco que o persegue até o exílio.

A Queima de livros

Quando o regime ordenou que fossem queimados publicamente  
Os livros que continham saber pernicioso, e em toda parte  
Fizeram bois arrastarem carros de livros  
Para as pilhas em fogo, um poeta perseguido  
Um dos melhores, estudando a lista dos livros queimados  
Descobriu, horrorizado, que os seus  
Haviam sido esquecidos. A cólera o fez correr  
Célere até sua mesa, e escrever uma carta aos donos do poder.  
Queimem-me! Escreveu com pena veloz. Queimem-me!  
Não me façam uma coisa dessas! Não me deixem de lado! Eu não  
Relatei sempre a verdade em meus livros? E agora tratam-me  
Como um mentiroso! Eu lhes ordeno:  
Queimem-me!<sup>11</sup>

Tais reflexões, compromissos com a verdade é uma das tarefas que circundam os poetas, levando-os a uma escrita comprometida com o tempo em que vivem: retiram do cotidiano, da realidade circundante, dos problemas que afligem os homens a substância com que compõem suas obras. A obra de Brecht denuncia a vida miserável e a exploração do trabalhador, os erros dos

<sup>10</sup> LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994, p. 442.

<sup>11</sup> BRECHT, Bertolt. **POEMAS**. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 192.

governantes alemães, as perseguições políticas implementadas pelos governantes nazistas, a perseguição aos judeus, os campos de concentração, assim como denuncia a exploração dos banqueiros e a invasão do governo nazista dos países vizinhos.

Mesclam-se nas entrelinhas das páginas os sonhos de liberdade, a esperança de novos dias e a rememoração de um passado glorioso, de uma vida campestre e bucólica que precisava ser apenas mais justa, mais humana e menos dura, sendo desnecessária a atuação do pintor como denomina Hitler. O sonho, a memória do passado e a vida urbana é a matéria imprescindível, argamassa evanescente com que o poeta lida, transmutando a tudo em versos, em estrofes e em poesia que inunda o leitor. As cenas que organiza, ordenando-as, produzem imagens fortes, chocantes, dramáticas. A propósito, Brecht registra em POEMAS um fragmento de um poema que teria sido escrito do exílio em Svendborg, em 1939 , onde se lê:

...  
No abrigo desse teto de palha dinamarquês, amigos  
Eu sigo sua luta.Mando-lhes aqui  
Como vez e outra no passado, estes versos despertados  
Por visões sangrentas, vindas sobre o mar e através da folhagem.

O que lhes chegar, usem com cautela,  
Livros envelhecidos, fragmentos de relatos  
São minhas fontes.Vendo-nos novamente  
Com prazer quero voltar a aprender.<sup>12</sup>

...

## 5 POEMAS E IMAGENS

Entender a comunicação com a consciência pensante do poeta , como ela acontece, de onde vem sua inspiração foi tarefa a que muitos se impuseram - Platão, Verlaine, Rousseau, Rimbaud, Maiakóvsky, Heine e tantos outros -, porquanto, afirma Gaston Bachelard: “A imagem poética ilumina com tal luz a consciência, que é vão procurar-lhe antecedentes inconscientes”.<sup>13</sup> É a linguagem do poeta, sua habilidade no uso das palavras, no seu dizer que potencializam sua expressão. Bachelard vê a linguagem poética como possibilidade de interação: “Aumentar a linguagem, criar

---

<sup>12</sup> Ibid, p.155.

<sup>13</sup> BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo:Martins Fontes,2009, p.3.

linguagem, valorizar a linguagem, amar a linguagem-tudo isso são atividades em que aumenta a consciência de falar”.<sup>14</sup>

Maiakóvski e Tribuzi, guardadas as devidas posições, tinham o hábito de conversar com pessoas simples e trabalhadores humildes durante muitas horas e percorriam caminhos os mais diversos nas suas cidades. Recolhiam, também deste modo, a matéria que transportaram para os seus poemas, até por que como Bachelard afirma : “Os poetas sempre imaginarão mais rápido que aqueles que os observam imaginar”.<sup>15</sup>

Sem que estivessem circunscritos a uma classe, os poetas transformaram anseios, sonhos e devaneios, angústias e esperanças em poemas dos quais jorraram uma luz nova, uma nova imagem sobre homens, mulheres e coletividades.

O que escreveram não era o que diziam “pois os mundos imaginados determinam profundas comunhões de devaneios”<sup>16</sup>, prossegue Bachelard, daí a intensidade da poesia, o valor do texto literário. Para Gaston deveria haver dois vocabulários específicos: um para coletar o saber e outro, específico, a ser usado apenas em poesias. A palavra mais familiar, quando poeticamente manipulada pelo poeta pode determinar que “a eclosão mais inesperada , mais rara, sai da palavra que dormia no seu significado-inerte como um fóssil de significações”.<sup>17</sup>

Em Brecht, as imagens poéticas captadas projetam os problemas, as angústias que percebe e são plenas de sentimentos e, às vezes, assustadoramente cruéis, uma vez que a verdade que desvelam é fria, cortante, exibindo a loucura de um mundo enlouquecido, um mundo em guerra. Como o leitor, o poeta está perplexo.

#### UM PROTESTO NO SEXTO ANO DE CHIEN-FU

Os rios e morros da planície  
Transformais em vosso campo de batalha.  
Como , pensais, o povo que aqui vive  
Poderá se abastecer de “ madeira e feno” ?  
Poupei-me por vosso palavreado  
De nomeações e títulos.

---

<sup>14</sup> Ibid, p. 5.

<sup>15</sup> Ibid, p. 25.

<sup>16</sup> Ibid, p. 23.

<sup>17</sup> Ibid, p. 8

A reputação de um único general  
Significa: dez mil cadáveres.<sup>18</sup>

Propondo um novo caminho até então não percorrido, Bertolt Brecht lança no poema o cotidiano de um novo tempo, a rotina da vida nos tempos modernos da guerra, rememorada com as visões da fome, das perseguições, do morticínio, do desemprego, do frio material e espiritual tão desumano que silencia as consciências. Sua luta, um protesto, se fixa como registro da memória desses tempos, vivenciados pelos alemães em especial e pelos vizinhos europeus, companheiros da fúria irracional.

Com Brecht o poema penetra de forma profunda no exame dos atos nazistas, no reflexo destes na vida da sociedade, nos dramas que se abateram sobre o povo e as instituições e examina a si, à sua consciência, emergindo daí sua convicção sólida do papel do poeta que cumprirá com rigor e solidariedade. Ele tem consciência que os tempos são outros.

#### EM TEMPOS NEGROS

Não se dirá: Quando a noqueira balançou no vento  
Mas sim: Quando o pintor de paredes esmagou os trabalhadores.  
Não se dirá: Quando o menino fez deslizar a pedra lisa pela  
superfície da correnteza  
Mas sim: Quando prepararam as grandes guerras.  
Não se dirá: Quando a mulher foi para o quarto  
Mas sim: Quando os grandes poderes se uniram contra os  
trabalhadores.  
Mas não se dirá: Os tempos eram negros  
E sim: Por que os seus poetas silenciaram?<sup>19</sup>

A guerra monstruosa que se alastra no continente, é percebida atravessando fronteiras e penetra no homem, destruindo bens e valores consagrados, como a amizade, o companheirismo e até o amor. No poema seguinte se percebe a melancolia e também o orgulho ante a loucura de um mundo que perdeu a poesia mas ainda há esperança. Vigilante, o poeta espreita.

#### NA MORTE DE UM COMBATENTE DA PAZ.

Aquele que não cedeu  
Foi abatido

---

<sup>18</sup> BRECHT, Bertolt. **Poemas**. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 151.

<sup>19</sup> Ibid, p. 136.

O que foi abatido  
Não cedeu.

A boca do que preveniu  
Está cheia de terra.  
A aventura sangrenta  
Começa.  
O túmulo do amigo da paz  
É pisoteado por batalhões.

Então a luta foi em vão?

Quando é abatido o que não lutou só  
O inimigo  
Ainda não venceu.<sup>20</sup>

Da mesma forma como aconteceu com o Cristianismo, durante o nazismo - com a solução final - os mortos foram desposados da necessidade de túmulos mas , eram lembrados. A morte era um sinal do que poderia ocorrer com outros. O poeta sabe que o regime não dorme, que o vigia. Não há quem o avise mas os irmãos, solidários entre si, estão atentos; na medida do possível, cuidam-se. Alguns poemas registram esta fase.

#### AOS QUE HESITAM

...

Precisamos ter sorte?  
Isso você pergunta. Não espere  
Nenhuma resposta senão a sua.

#### PARA LER DE MANHÃ E À NOITE

Aquele que amo  
Disse-me  
Que precisa de mim.

Por isso  
Cuido de mim  
Olho meu caminho  
E receio ser morta  
Por uma só gota de chuva

#### COM CUIDADO EXAMINO

Com cuidado examino  
Meu plano: ele é  
Grande, ele é  
Irrealizável.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> Ibid, p. 187.

<sup>21</sup> Ibid, p. 186 ,135, 75.

Rica de sentimentos e valores, a obra brechtiana está impregnada de denúncia contra a desumanidade das guerras, os erros dos poderosos, a injustiça que se abate sobre os intelectuais que criticam os governos, a miséria humana, a eclosão da prostituição, a mercantilização da arte. No poema a seguir, Sobre a decadência do amor, um reflexo dos males do nazismo.

#### SOBRE A DECADÊNCIA DO AMOR

Suas mães deram à luz com dor, mas suas mulheres  
Concebem com dor.

O Ato do amor  
Não mais vingará. O ajuntamento ainda ocorre, mas  
O abraço é um abraço de lutadores. As mulheres  
Erguem o braço em defesa, enquanto  
São cingidas por seus possuidores.

A rústica ordenhadora, conhecida  
Por sua capacidade de no abraço  
Sentir prazer, olha com desprezo  
Suas infelizes irmãs em peles  
Que recebem por cada meneio do traseiro bem-cuidado.

A fonte paciente.  
Que deu de beber a tantas gerações  
Vê com horror como esta última  
Bebe-lhe a porção com expressão amarga.

Todo animal sabe fazê-lo. Entre eles  
É tido como uma arte.<sup>22</sup>

Corajosamente nomeia Hitler com epítetos - “o pintor de paredes” e de “tocador de tambor” - epítetos que ressoam na Europa e compõe versos que assim o retratam, pressentindo a destruição alemã que se presentifica.

Os poemas brechtianos bradam! Bradam seu desconforto, seu lamento corajoso sem se deixar desesperar. A poesia – ao lado do seu teatro – são escolhas arrojadas, transformando sua literatura em um jorro de liberdade e hino à vida, à dignidade humana. Ao contrário de muitos que venderam seu talento aos regimes totalitários e de esquerda ou que silenciaram, ele prosseguiu. Amante da liberdade, usou a poesia para protestar e serviu-se dela, também, para denunciar seu próprio exílio e o desrespeito para com os intelectuais que pensavam em desacordo com o governo.

---

<sup>22</sup> Ibid, p. 153.

Seus poemas contêm, nitidamente, sua ideologia, tornando-se assim veículo de suas idéias. Os poemas da coletânea, de onde se extraiu os textos em análise, foram escritos entre 1913 a 1956, abarcando o período das duas grandes guerras mundiais que se espalharam pelo solo de muitas nações européias, deixando milhões de cadáveres, seres mutilados, órfãos, viúvas, destruição, fome, pobreza, prostituição, patrimônios materiais e imateriais estilhaçados.

Essas guerras que deixaram profundas marcas na humanidade são rememoradas nos versos, nas estrofes, nos poemas, de forma singular. Há lembranças por toda parte!

Prêmio Nobel de literatura, o escritor francês Henri Bergson, em sua obra *A energia espiritual* faz relatos de seus estudos sobre as lembranças, ressaltando o valor delas, detalhando como surgem e justifica sua importância no constructo do ser humano, afirmando : “ Reter o que já não é, antecipar o que ainda é: eis aí portanto, a primeira função da consciência”.<sup>23</sup>

Para Bergson a consciência do homem está incontestavelmente ligada ao cérebro, órgão a quem confere o poder de escolha. E os poemas aqui selecionados são escolhas brechtianas. No poema *Sobre a atitude crítica*, Brecht, escritor e artista engajado, reflete sobre as escolhas que podem e devem ser feitas e ele fez as suas.

#### SOBRE A ATITUDE CRÍTICA

A atitude crítica  
É para muitos não muito frutífera  
Isto porque com sua crítica  
Nada conseguem do Estado.  
Mas o que neste caso é atitude infrutífera  
É apenas uma atitude fraca. Pela crítica armada  
Estados podem ser esmagados

A canalização de um rio  
O enxerto de uma árvore  
A educação de uma pessoa  
A transformação de um Estado  
Estes são exemplos de crítica frutífera.  
E são também  
Exemplos de arte.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> BERGSON, Henri. **A energia espiritual**. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.7.

<sup>24</sup> BRECHT, Bertolt. **Poemas**. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 259.

Aí estão suas escolhas, resultantes das lembranças do passado, dos erros perpetrados pelos governantes, que identificou, que presentifica através de sua escrita atuante e corajosa para que o futuro seja transformado. Os textos representam o que seu espírito pensa, o que as suas evocações o incitam a pensar.

Alertando sobre o destino do homem, Bergson sentencia: "... não podemos nem devemos voltar-nos. Não o devemos porque nosso destino é viver, agir, e a vida e a ação olham para a vida a frente".<sup>25</sup> Rever o passado, memorá-lo e não se deter são opções que Brecht abraça. Ele evoca as lembranças úteis ao seu prosseguimento, à sua escrita. E a sua escrita é seu devir. Revelam seu estado de consciência, o que resultou da transformação de estimulações perceptivas de atos e fatos que atingem vizinhos, amigos, nações e povos.

Ele era reconhecidamente uma pessoa especial. Os horrores da guerra eram muitos e, como aconteceu com muitos, poderia ter deixado o papel em branco e a pena seca. Mas não o fez. Não fugiu ao papel do poeta e se fez solidário.

A propósito, Bergson o diz como se falasse de Bertolt Brecht:

Ora, se certas lembranças inúteis... conseguem insinuar-se no interior da consciência, aproveitando um momento de desatenção para a vida, não poderia haver, em torno de nossa percepção normal, uma franja de percepções quase sempre inconscientes, mas todas prontas para entrar na consciência e introduzindo-se efetivamente nela em certos casos excepcionais ou em certos sujeitos predispostos ?<sup>26</sup>

As leituras que recolheu em textos, passeios, conversas, tudo que viu fluiu em memórias. As lembranças que repousam nas profundezas da memória surgem como lembranças e se materializam, posto que se relacionam com a situação que se presentifica no ato da criação dos poemas.

Por conta das críticas, pelos seus escritos e sua não-adesão aos planos dos governantes totalitários que rejeitou, Brecht (25) precisou se exilar. Ele revê o acontecimento como um evento dentre outros similares que evoca. Em um poema!

---

<sup>25</sup> BERGSON, Henri. **A energia espiritual**. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.76.

<sup>26</sup> Ibid, p.78

## A EMIGRAÇÃO DOS POETAS

Homero não tinha morada  
E Dante teve que deixar a sua.  
Li-Po e Lu-Tu andaram por guerras civis  
Eurípides foi ameaçado com processos  
E Shakespeare, moribundo, foi impedido de falar.  
Não apenas a Musa, também a polícia  
Visitou François Villon.  
Conhecido como “o Amado”  
Lucrecio foi para o exílio  
Também Heine, e assim também  
Brecht, que buscou refúgio  
Sob o teto de palha dinamarquês.<sup>27</sup>

A poesia dura, porque são duros os tempos que retrata, não matou o homem, o indivíduo gentil, o ser humano e poeta delicado. A pergunta que resta não tem resposta: como teria sido sua poesia se tivesse vivido em outros tempos, se pudesse imprimir lirismo a sonetos, bucolismo em odes, melodia e cor que enchessem de vida os fenômenos da vida que registrasse? Pode parecer incoerência mas Brecht este poeta de incrível poder e fascínio, ainda encontrou momentos especiais em que se maravilhava com coisas simples como a natureza, as estações do ano e as travessuras das crianças. A sensação percebida é cálida, colorida, é vibrante e quase viva. A sonoridade lhe confere um especial encanto.

## A AMEIXEIRA

No pomar tem uma ameixeira  
Tão pequenina, que ninguém faz fé.  
Em volta dela há uma cerca  
Que é pra ninguém botar o pé.

A pequenina não pode crescer  
Pois crescer ela queria bem.  
Mas aí nada se pode fazer  
Tão pouco é o sol que ela tem.  
Nessa ameixeira ninguém faz fé

Porque nunca deu uma ameixinha.  
Mas que é uma ameixeira, isto não é:  
Pelas folhas a gente adivinha

## A PRIMAVERA

1.  
A primavera chega.  
O jogo dos sexos se renova

---

<sup>27</sup> BERTOLT, Brecht. **Poemas**. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 121.

Os amantes se procuram.  
Um toque gentil da mão do seu amado  
Faz o peito da moça estremecer  
Dela, um simples olhar o seduz.  
2.  
Sob nova luz  
Aparece a paisagem aos amantes na primavera.  
Numa grande altura são vistos  
Os primeiros bandos de pássaros.  
O ar se torna cálido.  
Os dias se tornam longos  
E os campos ficam claros por longos tempos.  
3.  
Desmedido é o crescimento  
Das árvores e pastagens da primavera.  
Incessantemente fecunda  
É a floresta, e os prados e os jardins.  
A terra faz nascer o novo  
Sem medo.<sup>28</sup>

Ainda que nos dois últimos versos do último poema se perceba a ironia, marca da sua ideologia, todos os demais versos refletem a reverência com que se curva ante a soberana natureza que a tudo cria, muda e toca. Até o poeta! Esse bom humor – como seria seu humor? – também se percebe em um curtíssimo poema (estaria gargalhando ao escrever?) com 3 estrofes de 4 versos cada uma que, emprestando à narrativa um final imprevisto e risível, foge do cotidiano desse imprevisível e genial Bertolt Brecht pela temática e originalidade.

#### O MENINO QUE NÃO QUERIA TOMAR BANHO

Era uma vez um menino  
Que não queria tomar banho  
E quando lhe davam banho, ele rapidinho  
Ia se lambuzar na lama

Um dia veio o Soberano  
Subindo pela longa escada.  
A mãe correu a passar o pano  
No menino de cara lambuzada.

Mas não havia pano nem toalha.  
O Imperador partiu  
E o menino não viu  
Por essa ele não esperava!<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> Ibid, p. 165 e 77.

<sup>29</sup> Ibid, p. 164.

## 6 CONCLUSÕES FINAIS

Bertolt Brecht, essa vida inquieta e tangida a percorrer solos distantes da pátria que amava, escreveu com um dinamismo que só os bravos, só aqueles que atribuem a si próprios uma missão e a ela imprimem uma força e uma perseverança hercúlea são capazes de obter êxito.

Entre sua obra muitas peças lhe trouxeram espaço garantido entre os mais altos mas ele se destaca dentre tantos pelos sofrimentos pessoais que o atingiram, pela vida curta, 56 anos com que encerrou seu percurso terrestre e pelo volume da obra riquíssima e ainda a ser descoberta pelo público brasileiro.

Se é entre os dramaturgos que seu nome brilha com louvor nem por isso pode ser descartada, sequer olvidada sua obra poemática, alvo destes estudos, pois apresenta uma característica peculiar: é um legado, memória de sua trajetória pessoal e da tragédia que se abateu sobre a Alemanha e a Europa, abrigando em seu corpus lembranças tristes de um momento de loucura da humanidade.

Este trabalho não tem a pretensão de se esgotar aqui nem se crê ter sido feita uma leitura perfeita e única. Antes, a autora tem consciência da limitação das fontes e do tempo necessário a maiores e mais profícuas pesquisas. Conhecer-la e entrar em contacto com o pensamento de Bertolt Brecht já foi uma experiência enriquecedora e um privilégio. Tomara que surjam, a partir daqui, novas leituras acerca da obra brechtina, estudos mais aprofundados e mais enriquecedores capazes de lhes revelar novos aspectos. Para a autora foi um marco inicial.

## REFERÊNCIAS

- BACIU, Stefan. **Servindo à poesia**. Rio de Janeiro: Depart. de Imprensa Nacional, 1953.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BERGSON, Henri. **A energia espiritual**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- \_\_\_\_\_. **A evolução criadora**. Rio de Janeiro: Editora Opera Mundi, 1973.
- BORDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BRECHT, Bertolt. **Poemas**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- ECO, Humberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Comp. Das Letras, 1994.
- GUIRAUD, Pierre . **A Semântica**. São Paulo: Difel, 1980.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994.
- MAIAKÓVSKI, Vladimir. **Poética-cómo fazer versos**. São Paulo :Global, 1977.
- MARTINS, Floriano. **A inocência de pensar**. São Paulo: Escrituras, 2009.
- NESTROVSKI , Arthur. **Ironias da modernidade**. São Paulo: ÁTICA, 1996.
- REY, Jean-Michel; ARTAUD, Antonin. **O nascimento da poesia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- TRIBUZI, Bandeira. **Obra poética**. São Paulo: Editora Siciliano, 2002.
- SOARES, Angélica. **Transparências da memória**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2009.
- SILVEIRA, Alcântara. **Compreensão de Proust**. Rio de Janeiro: Jose O. Editora, 1959.
- SPITZER, Leo. **Três poemas sobre o êxtase**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.